CISION

ID: 71276191

DIÁRIO as beiras

14-09-2017

Tiragem: 12000
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Regional

Pág: 9
Cores: Cor
Área: 13,15 x 35,20 cm²
Corte: 1 de 1

Uma República como alternativa para estudar e viver

DR

Perto do polo I da universidade, a Rosa Luxemurgo é a mais antiga república feminina

●●● Setembro é tempo de procura de alojamento para novos estudantes, em Coimbra. Quartos não faltam, a maioria caros e com precárias condições. Já as residências sociais escasseiam.

Do que pouco se fala é das Repúblicas. E, no entanto, é quase impossível encontrar um quarto – ou melhor, uma casa e uma comunidade – mais barato.

Veja-se o caso da República Rosa Luxemburgo – a primeira e durante décadas única exclusivamente feminina. Como acontece com frequência, em cada início de ano escolar, há residentes que acabam os cursos e deixam Coimbra, pelo que a meia dúzia de quartos da casa dispõe, sempre, de "vagas".

Este ano não é exceção. Aliás, é mesmo um caso raro, já que as saídas foram mais do que as habituais e o número de "vagas" fica mesmo à medida de pequenos grupos de amigas, sejam ou não novos estudantes.

À localização privilegiada (na esquina da Rua Correia Teles com a Rua de Tomar, ao cimo do Jardim da Sereia) soma-se uma história singular, que se cruza com uma intervenção cívica e política de extraordinária riqueza, sobretudo no período de pré e pós-25 de Abril de 1974.

A casa foi fundada em 1972, pelo que completa este ano 45 anos (cada ano é um século, nas casas comunitárias coimbrãs, o que permite imaginar o peso histórico e simbólico destes quatro milénios e meio...).

O elevado preço dos quartos e a escassez de vagas nas residências sociais abrem uma "janela de oportunidade" para as Repúblicas

1. A vida em casas comunitárias proporciona experiências singulares que vale a pena conhecer
2. Cada República tem a sua idiossincrasia, mas apenas duas são femininas.
3. Na Rosa Luxemburgo, a primeira feminina, sobram história e memórias e procuram-se novas residentes

De início, a homenagem que as pioneiras, Luísa Alberto, Teresa Lopes, Margarida Barbedo e Fernanda Mateus, quiseram prestar a Rosa Luxemburgo, ativista alemã, nascida na Polónia, foi "apenas" um Solar (abra-se aqui um parêntesis para evocar Fernanda Mateus, a saudosa "Bombista", precocemente falecida).

Ao contrário de outras, a Rosa Luxemburgo sempre funcionou na "casa cor-de-rosa". Ali existira, até 1969, uma outra república, o Rapó-Taxo, pelo que o senhorio terá condescendido na "passagem de testemunho".

Nestes 45 anos, com naturais altos e baixos, a casa sempre soube revivificar-se. Com novas residentes, com os comensais que também são quase da casa e, obviamente, com o carinho e o apoio das "antigas" e dos muitos amigos que "teimam" em voltar, todos os anos, em maio, ao centenário.

| Paulo Marques